

Proletrários de todos os países UNI-VOS!

Adiante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

COMEMOREMOS O 5 DE OUTUBRO! VENÇAMOS AS ELEIÇÕES PARA AS JUNTAS DE FREGUESIA!

N o próximo mês, dois acontecimentos relevantes terão lugar na vida nacional — as comemorações do aniversário da República e as eleições para as Juntas de Freguesia. Um e outro têm uma estreita relação com a luta dos portugueses pela saída de Salazar e pela conquista das liberdades democráticas. Um e outro devem ser amplamente aproveitados para unir, mobilizar e organizar o povo à volta das suas aspirações imediatas.

As comemorações do 5 de Outubro podem ser grandes jornadas democráticas se todos os anti-salazaristas tiverem iniciativa, compreensão política e a mesma decisão de que deram provas durante e depois da última campanha eleitoral. Um largo espírito de unidade e de convergência nacional deve presidir à realização destes actos comemorativos.

Sabemos que estão em curso interessantes iniciativas da parte de vários sectores anti-salazaristas para que neste dia — um domingo — se realizem sessões comemorativas em colectividades, romagens às campas dos democratas e patriotas falecidos, concentrações populares com bandeiras nacionais e distícos patrióticos.

Apoiemos entusiasticamente estas iniciativas e apelamos para todo o povo para que nelas participe activamente.

(Continua na 2.ª pág.)

(Continua na 2.ª pág.)

APÓS A SAÍDA DE SANTOS COSTA, QUEREMOS A SAÍDA DE SALAZAR!

UMA AMPLA UNIDADE ANTI-SALAZARISTA CONSEGUI-LO-Á!

As lutas travadas nos últimos meses, em que participou a maioria da Nação com a classe operária à cabeça, não foram em vão.

Tais lutas não puseram sómente a nós, tanto no estrangeiro como para muitos portugueses que se têm mostrado indiferentes ou têm sido enganados pelos salazaristas, a existência dum divórcio completo entre o governo e a Nação. Tais lutas provocaram mudanças na situação política do nosso país.

O recurso do governo a uma repressão mais larga e violenta teve como objectivo não só tentar impedir o desenvolvimento da luta popular como também ganhar tempo para vencer as enormes dificuldades internas do regime.

O novo ministério, do qual foi banido o ministro Santos Costa, bem como o odiado Trigo de Negreiros, foi de muito difícil composição. Salazar teve grandes dificuldades em encontrar colaboradores para a sua política de terror e de tração.

Alguns só muito pressionados e dada a sua qualidade de funcionários públicos, aceitaram as suas funções, embora cheguem a afirmar que só se conservarão por pouco tempo.

O lugar de ministro do Interior foi especialmente difícil de preencher, em virtude das sucessivas negativas de homens da União Nacio-

nal, e só na madrugada do dia seguinte ao da apresentação do novo ministério e, segundo dizem, contra a sua própria vontade, ele foi aceite pelo prof. Pires Cardosa.

A saída de Santos Costa e o agravamento profundo das dificuldades internas do regime, formam um dos aspectos da mudança que se produziu no nosso país.

A campanha eleitoral constituiu um grande período de lutas que se prolongou arduosamente depois da burla. Estimuladas pelas importantes manifestações operárias, novas camadas da população foram mobilizadas. Elas representam sectores económicos da pequena e média burguesia e novas correntes políticas, todas elas despojadas actualmente por

uma mudança de regime. Essas novas camadas atingem mesmo elementos até há pouco profundamente situacionistas.

A decisão de luta da classe operária e de todas as classes trabalhadoras bem como o alargamento da acção anti-salazarista a novas camadas da população formam outros dois aspectos da mudança que se produziu no nosso país.

O nosso Partido tem feito, especialmente nos últimos anos, esforços contínuos para o estabelecimento duma unidade larga de todos os anti-salazaristas.

Embora saibamos das dificuldades que certos sectores põem à uni-

CONQUISTEMOS A AMNISTIA!

Quando em 1955, durante as comemorações do 5 de Outubro, foi aprovado um apelo reclamando uma ampla amnistia política, bem depressa se constatou que tal aspiração correspondia a um profundo sentimento nacional que abrangia todas as classes sociais e correntes políticas. Passado um mês, em Novembro, eram já entregues, na Assembleia Nacional, as primeiras 8.500 assinaturas sob esse apelo.

Desde então, muitos outros milhares de assinaturas se têm recolhido para tal objectivo. Alguns jornais têm referido essas acções e, em especial a «República», sempre que a Censura o não impede, tem realizado uma verdadeira campanha em defesa da amnistia. Nos períodos eleitorais, logo que uma Censura menos rigorosa permite que se diga alguma coisa do que se pensa, imediatamente um coro de vozes se levanta a comprovar que a ampla amnistia política é uma reivindicação nacional.

Entretanto, o governo, a Assembleia Nacional e o presidente da República têm-se mostrado indiferentes a essa aspiração do povo (com excepção da voz isolada do deputado Pinto Barriga, que levantou na Páscua de 1957 a vantagem duma ampla amnistia).

É verdade que os ministros da Justiça e do Interior se viram obrigados a fazer referência à questão mas sempre distorcendo-a e apresentando argumentos de verdadeiros fascistas, quer considerando o «crime» de defender a democracia como mais grave do que o de roubar ou matar, quer afirmando que não vale a pena a amnistia porque os presos... não são muitos.

Com a última vaga de repressão, muitos conheceram o que são as prisões da PIDE, muitas famílias sentiram no seu próprio seio o que é ter um ente querido forçadamente afastado e preso, e maltratado, só porque não pensa como o governo ou defende os interesses dos trabalhadores, muitos portugueses esclereceram-se sobre o terror do regime.

Por isso, se, já antes de Junho, dos mais variados sectores sociais e políticos se levantavam vozes defendendo a amnistia, actualmente as condições são ainda melhores para levar por diante um amplo movimento com tal objectivo.

Em Maio deste ano foi divulgado

um novo apelo assinado por vinte individualidades de diversas ideias políticas e religiosas.

Esse apelo pode ser uma poderosa arma, capaz mesmo de conquistar a Amnistia Política, se se tornar a voz unânime de muitos milhares de portugueses.

Para isso será necessário, antes de tudo, tornar a recolha de assinaturas para o apelo uma recolha aberta e livre.

Essa actividade é absolutamente legal e a assinatura do apelo não será mais que seguir a acção já realizada pelas dúzias de pessoas, bem conhecidas, cujos nomes o acompanham.

Cabe à juventude, às mulheres, e em especial à classe operária, dar-lhe uma grande expansão: recolher assinaturas nas empresas, nas escolas, nos mercados, em todas as localidades, de porta em porta e de pessoa em pessoa.

Ao mesmo tempo, correspondendo à actual largueza do desejo duma ampla amnistia, há que ir, sem receio, falar a novas individualidades que, não tendo ainda tomado posição, estarão dispostas a fazê-lo agora, há que ir aos jornais, alguns dos quais tanto falam em «conciliação nacional», para que se solidarizem com a luta pela amnistia, há que receber a adesão de todos os portugueses, sejam eles quais forem, que se mostrem de acordo com esta sentida aspiração.

Para melhor organizar este trabalho, que terá forçosamente de ser paciente e esforçado, seria da maior vantagem a criação de largas Comissões de Amnistia que encabeçassem, em cada terra, essa acção.

Se as diversas correntes, se os portugueses que desejam um clima de tolerância — e são a esmagadora maioria — souberem unir-se atrás desta justa e nacional aspiração, a luta pela conquista duma ampla amnistia pode ser vitoriosa.

PEQUENOS E MÉDIOS CAMPONESES

LUTAM CONTRA A ORGANIZAÇÃO CORPORATIVA

A repelição, em fins do ano passado, da crise de escoamento da batata que arruinou milhares de produtores e os chorudos negócios realizados, mais recentemente, pelos grandes armazémistas do vinho à custa da espoliação dos pequenos e médios vinicultores, estão ainda na memória de todos. Porém, outros casos menos gritantes mas nem por isso menos dolorosos para os pequenos e médios camponeses e para a economia do país, repelem-se todos os dias.

A garrá da Organização Corporativa, café, agora sobre os produtores do leite da Correlhã (Ponte de Lima) e da Azeosa (Viana do Castelo) e o resultado foi, como não podia deixar de ser, o agravamento da sua situação. O litro de leite que lhes era pago pelas vendeiras a 1550 passou a ser adquirido pela Organização Leiteira a 120 e a 130, com o agravante do pagamento só lhes ser, dito depois de longas demoras. Além disso o leite foi espoliado por tipos, o que constituiu uma outra forma de lesar os pequenos e médios produtores.

Indignados, os produtores do leite da Correlhã, reuniram-se em número de cerca de 300 para protestar contra esta exploração e

obrigaram um fiscal a fugir, para não sofrer as consequências dessa justa indignação. Por sua vez, os produtores da Azeosa, fizeram vários protestos chegando a apedrejar as janelas do posto de recebimento do leite.

Um outro exemplo da «coordenação económica» promovida pela Organização Corporativa é o que se está a verificar com a fruta, a que aludi o «Diário de Lisboa» de 1-9-58, especialmente no que toca às maçãs. Estas estão a ser vendidas em Lisboa, a preços superiores a 10300 a dúzia, enquanto que em várias regiões do norte do país são dados ao gado por não se encontrar quem as compre nem por medo de este preço.

Para fazer face a esta situação, que não é só a de batata, do vinho, do leite e da fruta, mas a de toda a agricultura, deverão os pequenos e médios camponeses de todo o país seguir os exemplos de unidade e de luta dados agora pelos produtores de leite da Correlhã e da Azeosa. Só pela união e pela luta, os camponeses conquistarão preços compensadores para os seus produtos e poderão quebrar os lençóis monopolizadores da Organização Corporativa.

AGORA... CASAS PARA TODOS!

Depois da burla eleitoral do 8 de Junho, o país assiste à mais bem orquestrada e extensa campanha de demagogia fascista.

Os salazaristas mentem desvergonhadamente, deformam a verdadeira situação do país e garantem, com a maior seriedade deste mundo, que agora é que vão resolver os graves problemas criados à nação pelos 32 anos do seu reinado. Tudo isto, claro está, emparelhado com a acção terrorista da PIDE para abafar os descontentes.

O objectivo de Salazar é visível: passar desesperadamente a tervel curva em que se encontra o regime para continuar, como dantes, a oprimir o povo.

Mas a verdade é que não é mais possível iludir a realidade dos factos e por isso as coisas fallarão também por este lado.

Um dos mais activos bufões de Salazar, o sr. Veiga de Macedo, ministro das Corporações, esbala-se neste momento por convencer as gentes que agora cada português vai ter a sua casinha, muito confortável, muito sua, Organiza homenações, conferências de imprensa e da rádio e outras barulheiras para gritar esta formidável patranha aos ouvidos do povo. Portanto, animem-se os nossos misérs operários dos salários de fome, os nossos famintos assalariados agrícolas, desempregados nos nove meses em cada ano, os nossos funcionários públicos que já não podem esconder a sua pobreza envergoadora! Agora é que é certo, é que vamos ter todos uma telha acolhedora e nossa, para viver descansadamente até ao fim dos nossos dias. Uma telha novinha que nos é oferecida gentilmente pelo sr. Veiga de Macedo.

Cada português que o queira é só chegar ao pé do sr. ministro e das Caixas de Previdência, pedir-lhe prestados 40 contos a dois por cento, pagar 200\$00 por mês e ao fim de 25 anos tem uma casinha sua!

O pior são as contas saloia! Parodiando espiritualmente o nosso Eça, muito bem disse o vereador Dr. Baeta Henriques, quando com invulgar coragem atacou a política de salários e vencimentos do governo na sessão de Agosto último da Câmara Municipal de Lisboa: «Não podemos servir-nos do «manto diáfano da fantasia» para encobrir «a nudez forte da verdade». E que nos dizem as contabilistas?

São as próprias estatísticas fascistas que nos respondem.

Em 1956, aos 342 mil operários, empregados e técnicos da indústria transformadora foram pagos salários e vencimentos no montante de 3 milhões e 74 mil contos. Tendo em conta que o pessoal não assalariado,

cerca de 10%, do total, recebe cerca de 27%, daquela verba, teremos que cerca de 308.000 assalariados receberam de salários 2 milhões e 224 mil contos. Feitos os descontos para o Desemprego e a Previdência — a tal Previdênciazinha donde o sr. Veiga de Macedo nos «concedera» os 40 contos para a construção das casas —, descontos que ascenderam a 14%, do total dos salários e vencimentos pagos, verifica-se que os 308.000 operários e as suas famílias, que ao todo podem computar-se em mais de um milhão de pessoas, têm, para viver, em cada dia dos 365 do ano, a «importantes» soma de 17\$300.

Como se vê a mecânica está muito bem feita: o sr. Veiga de Macedo, do dinheiro da Previdência que saiu do nosso bolso (449 mil contos só do pessoal da indústria transformadora, em 1956) empresta-nos agora, como amigo, 40 contos a 2%, que nós ainda teremos de pagar deste «enorme» salário de 17\$300 diários!

Não está mal visto pois não?

BASTA DE REPRESSÃO!

Continuando a denunciar os bárbaros processos que a PIDE está utilizando, podemos indicar outros nomes de cidadãos portugueses, presos e mortificados, só porque são democratas ou não concordam com a burla eleitoral.

António Ferrica (trabalhador rural em Montemor-o-Novo) — confirmem-nos que foi espancado barbaramente durante vários dias tendo sido transportado para a enfermaria do Aljube onde lhe foram dadas injeções para o reanimar.

Joaquim Machado (trabalhador rural em Montemor-o-Novo) — 5 dias de «estêtuas» e espancado várias vezes com pontapés e socos.

Fernando Ribeiro Matias (empregado comercial em Lisboa) — foi esbofetado.

Manuel Guilherme Martins (funcionário na Carris) — esteve de «estêtuas» durante 14 horas sem ardoar pé.

Marcus Anínes (funcionário público em Lisboa) — foi espancado, ferido e esteve no segredo muitos dias.

Salvador (jovem enxiador em Lisboa) — foi espancado.

Luiz Manuel Ferreira dos Santos, (funcionário corporativo na Marinha Grande) — foi esbofetado várias vezes.

Alvaro das Dores Ramos (empregado no Parque Aeronáutico de Alverca) — foi espancado.

Dias (jovem servente da construção civil em Alverca) — apesar de sofrer de tuberculose, diagnosticado pelo médico da prisão, foi,

PARALIZARÃO O TRABALHO SALINEIROS DE 4 SALINAS DE ALCOCHETE

Os industriais do sal, de Alcochete, continuam a explorar infamemente os trabalhadores das salinas. Apesar de 15 canastras serem suficientes para fazer um moio, os patrões pretendem que os salineiros litem 18 canastras para lhe pagarem aquela quantidade.

Contra esta forma de exploração, levantaram-se os trabalhadores de 4 salinas que abandonaram o trabalho declarando que apenas litem 16 canastras. Ao fim de 3 horas de paralização, os salineiros conquistaram a sua justa reivindicação.

Na mesma ocasião, os trabalhadores da salina do fascista Quintela, apresentaram um pedido de aumento de 300 em cada moio. O miserável Quintela, para não dar satisfação à reivindicação dos salineiros, não hesitou em mandar pôr debaixo de água 32 lishos, o que representa um prejuízo de mais de 400 moios.

Nas salinas do Vale (Atraleia), o patrão mandou retirar umas vagoneiras que facilitavam o trabalho aos salineiros, estes recusaram-se a trabalhar enquanto as vagoneiras não fossem colocados no sítio onde estavam, o que acabaram por conseguir.

Estas lutas e as vilórias em duas delas alcançadas mostram, uma vez mais, que, só pelo reforçamento cada vez maior da sua unidade e pela luta persistente, os salineiros de Alcochete podem conquistar as suas reclamações.

Contra a investidura de A. Tomaz (outras informações)

Para manifestarem o seu protesto contra a investidura do Presidente imposto por Salazar à Nação, mais de 100 pessoas concentraram-se, dia 9, no Bairro. No dia 10, de entre a multidão que assistia à passagem dos ciclistas partiam vibrantes gritos de «Viva o general Delgado» que foram unanimemente apoiados.

Um guarda republicano que quis provocar algumas pessoas foi castigado pelo povo com uma valente sova.

Também, na Cova da Piedade, mais de 100 pessoas se concentraram para manifestarem o seu protesto contra a investidura de A. Tomaz.

Nestas duas localidades, como no Seixal, Montijo, Monte da Caparica, etc., os muros foram cobertos com vivas frases de protesto: «Não queremos A. Tomaz!», «Demissão do Governo!» e outras.

OIÇA A RÁDIO!

Rádio Moscovo: Transmite diariamente para Portugal no horário das 25-30 de 23-30 horas, nas ondas de 16, 18, 25 e 31 metros.

Rádio Pirineia: Transmite todos os dias, em espanhol nas ondas de 24, 25 e 26 metros; desde as 7 h. às 7.30 e das 17.30 às 24, com um intervalo de 2 minutos em cada meia hora.

Há 400 Anos Morreu Sá de Miranda

Quatro séculos se completam este ano sobre a data da morte do grande artista e cidadão que se chamou Francisco Sá de Miranda (1481-1558). Poeta dos maiores da nossa literatura, foi ele o revolucionário introdutor dos ideais humanistas e das novas formas da arte da renascença no nosso país. A sua vida e a sua obra são um fecundo exemplo de luta militante, de intelectual devotado aos interesses e anseios dos explorados e oprimidos.

O seu entranhado amor e respeito pelo povo trabalhador dos campos e das urbes; o corajoso desassombro com que criticou os poderosos do seu tempo (os nobres latifundiários feudais, os cortesãos corruptos que dissipavam as riquezas nacionais, os juizes sem vergonha, o clero sem moral, os oportunistas sem escrúpulos, etc.); a sua apaixonada defesa da liberdade do pensamento; os seus ideais generosos de justiça social; a sua constante preocupação pelos destinos da sua Pátria — allam-se em Sá de Miranda a uma justa

compreensão da utilidade e da responsabilidade social da arte e uma visão dialéctica do mundo, fazendo dele um poeta profundamente actual, um irmão de armas dos intelectuais mais progressivos dos nossos dias.

E sem dúvida essa actualidade do seu exemplo e da sua obra que explicam o silêncio significativo que os nossos governantes pretendem comemorar esta data. Os salazaristas sentem bem que Sá de Miranda não seria dos seus se hoje vivesse e temem com razão as lições do seu exemplo e as críticas certas que, através da sua obra, atingem os poderosos do Portugal dos nossos dias.

Mas nós, comunistas portugueses, ciosos defensores e continuadores das tradições revolucionárias da nossa história, não queremos pactuar com esse silêncio culpado e aqui deixamos a nossa homenagem a essa extraordinária figura moral, intelectual e artística que foi Sá de Miranda.

AS DUAS VIRTUDES DO PRESIDENTE IMPOSTO

Durante a campanha eleitoral os salazaristas fizeram a propaganda do seu candidato, à volta de duas virtudes que foram proclamadas em todos os discursos. A primeira, a sua seriedade (o próprio candidato não se cansou de repetir que era «um homem sério»); a segunda, o seu labor, como «grande renovador da nossa armada».

Da sua seriedade deu o sr. A. Tomaz suficientes provas ao colaborar, como principal parceiro, na burla com que Salazar violentou a vontade da Nação. A obra de «re-

vador da nossa armada» foi o seu sucessor na pasta da Marinha que se engarrou de se sentir ao falar de «planos que se esboçam e não têm realizações» e ao afirmar: «Presentemente, exceptuando alguns navios da NATO e outros de muito modesta tonelagem para a protecção das águas costeiras, encontramos-nos numa situação não isenta de apreensões, por caminhar-mos novamente por forma acelerada para o zero naval de tão triste recordação».



AS MANOBRAS E AS PROVOCAÇÕES AMERICANAS

ENVENENAM A ATMOSFERA INTERNACIONAL

COISAS CURIOSAS OU SIGNIFICATIVAS.

A condenação pela ONU da intervenção armada dos Estados Unidos e da Inglaterra, no Líbano e na Jordânia, constitui uma pesada derrota para a política de força que os círculos imperialistas queriam impor no Médio Oriente.

Contra o que eles esperavam, vários Estados, que ainda há pouco votavam obedientemente com os americanos (o caso de muitos países da América Latina), recusaram-se a apoiar a moção que estes queriam fazer aprovar, por verem nela uma ameaça à integridade e à independência dos seus próprios países. Desta maneira, os americanos e ingleses, para não ficarem isolados, resolveram mostrar boa cara ao mau tempo e votaram a moção árabe que não dá satisfação a nenhum dos objectivos da sua política e exige a retirada das suas tropas do Líbano e da Jordânia.

Porém, esta sua reviravolta é ainda uma manobra, visto que não se mostram dispostos a cumprir a resolução da ONU. Ao mesmo tempo, recorrem ao velho expediente do auxílio económico, tentando alcançar pela dominação económica o que não conseguiram com o golpe militar. O «generoso» auxílio proposto por Eisenhower, não é mais que o plano concebido por Rockefeller e outros magnatas do petróleo e que se destina a conservar e a alargar a dominação das companhias petrolíferas americanas sobre o petróleo do Médio Oriente de que controlam actualmente 1/3 da produção.

Os povos árabes estão, no entanto, vigilantes e, ao mesmo tempo que reclamam a retirada imediata das tropas que ocupam o Líbano e a Jordânia, mostram-se dispostos a recusar o auxílio americano que já qualifique duma nova doutrina Eisenhower e a promover o desenvolvimento económico pelos seus próprios meios.

A Paz novamente ameaçada

Enquanto na ONU as suas manobras fracassavam, os Estados Unidos iniciaram uma série de provocações à República Popular da China.

O próprio Joseph Alsop, jornalista americano ligado ao Pentágono, afirmou: «*Chang Kai Chek não costumava ter tropas regulares nas ilhas costeiras (as Quemoy e as Matsien) e foi o governo americano que o forçou a enviar para ali uma parte das suas tropas*» («O Século» de 25-8-58). E ele não refere as constantes e provocadoras

manobras da 7.ª esquadra no estreito da Formosa e o desembarque de milhares de juleiros navais em Singapura.

Os 600 milhões de chineses que se libertaram do jugo do imperialismo e que caminham na construção da sociedade socialista não podem tolerar que os 15 milhões dos seus irmãos da Formosa e outras ilhas continuem a suportar a opressão dum comarilha vendida ao estrangeiro e que sejam utilizados em acções provocadoras contra a sua própria pátria.

A constante interferência dos Estados Unidos nos assuntos internos da China é a verdadeira causa dos perigos que ameaçam a Paz no Extremo Oriente e que podem arrastar a humanidade para uma guerra generalizada.

Os perigos ameaçam o nosso País

Os imperialistas americanos preparam-se, por outro lado, para ampliar e modernizar a rede de bases em redor da URSS e da China. Nestes planos estão incluídas as bases americanas nos Açores para as quais o Congresso americano acaba de votar uma verba de cerca de

250 mil contos e 4 para construções de vários orden.

O que quer isto dizer? Será que vão ser construídos nos Açores depósitos para as bombas atómicas que informações seguras nos dizem já ali existirem? Trieto-se à construção de rampas para o lançamento de foguetes?

O governo de Salazar prosseguindo na sua política de entrega de parcelas de território nacional aos imperialistas estrangeiros, com um absoluto desprezo pelos sentimentos e pela opinião do nosso povo, nada se dignou explicar. Mas uma coisa é certo, os americanos vão modernizar e ampliar as suas bases nos Açores de forma a melhor servirem os seus planos agressivos. O nosso País fica, portanto, mais directamente envolvido nas aventuras belicistas dos generais americanos.

Por todo o mundo a política imperialista dos Estados Unidos está a provocar focos de tensão que podem arrastar a humanidade para uma guerra de extermínio. E é perigoso que o nosso País se desligue completamente das aventuras guerreiras americanas para não ser arrastado nas suas consequências.

TRIBUNAL DO LEITOR

MAIS ESCOLAS—MENOS CANHOES

Com as suas profundas inteligências e o seu código poder de previsão, os nossos governantes, responsáveis pelo ensino, foram este ano, mais uma vez, apanhados... de surpresa.

Como já não pudemos prever que o número de inscrições para o presente ano lectivo excederia em muito a capacidade das aulas e escolas técnicas, em reuniões atabalhadas, à última hora, o sr. Ministro tentou o impossível—melhor o Rossio na Beirama. E as soluções adoptadas foram, como não podiam deixar de ser, soluções de emergência, pois para as necessidades deste ano, em condições normais, em Lisboa por exemplo, seria necessário a rede de escolas técnicas e o triplo de liceus.

Além dos prejuízos económicos para os pais dos alunos, que não obtiveram vaga ou foram transferidos para outras liceus ou anexos, muito mais abastados de nós, muitos alunos, vítimas das soluções adoptadas, foram afectados por prejuízos pedagógicos provocados pela actual situação, que se vem arrastando há dezenas de anos, agudizada agora.

Os professores existentes, em número manifestamente inferior às necessidades, têm o trabalho de tal modo dificultado e tão mal algumas possibilidades as suas funções de mentores e preparadores do carácter do estudante, passaram a ser as de simples funcionários burocráticos a vender o seu tempo.

E embora seja geralmente reconhecido que há um número insuficiente de professores, não se alargam os quadros de efectivos e a maioria das possibilidades se tal como provisório, o que traz vantageles económicas para o Estado (pois estes professores são «mulheres e dias do ensino» graves prejuízos para os alunos e a sociedade).

Estas condições de excesso de alunos e falta de estabelecimentos de ensino dão-se apesar do Estado limitar o ensino às classes que têm algumas possibilidades. Se tal como seria para desistir e de exigir, as classes menos protegidas e mais numerosas, como a camponesa e operária, tivessem condições de levar a efeito o ensino, o problema seria simplesmente catastrófico.

A falta de estabelecimentos de ensino, a insuficiência da professores, o baixo nível da cultura em Portugal, assim como a rigorosa censura e a existência dum forte aparelho repressivo, situam-se na mesma linha de acção do fascismo.

As verbas, em vez de serem para o desenvolvimento científico, social e cultural das massas, são destinadas a apetrechar o exército que se pretende ligar às aventuras belicistas dos imperialistas americanos e às forças de repressão.

Só um regime democrático, eleito pela vontade unida dos portugueses, conseguirá dar-nos liberdade de expressão e cultura.

Um casal de professores

PROTESTEMOS CONTRA A CARESTIA DA VIDA

A situação do povo tem piorado sempre com o aumento constante do custo de vida, a que não corresponde o aumento de salários e ordenações que seria de esperar. Isto significa que o dinheiro ganho pelos trabalhadores não chega, além da mais, para estes comerem todos os dias o que têm na vontade. Uma dona de casa consumidora sem saber encontrar uma casa de família, porque tudo o torna difícil de chegar à mesa do pobre.

O peixe, alimento a que os pobres mais recorrem, dá nada para o ano se consegue comprar um pouco mais barato, mesmo assim só o carapau, chicharro, cachucho, ou outros qualche espécie inferior, embora muitas vezes um mais colado.

Nos talhos não falta carne, mas quando as pessoas olham as suas montanhas, debaixo de ante o desejo e a necessidade, evidente, de a comprar e a impossibilidade de o fazerem? E quem pode chegar aos ovos, à fruta e às hortaliças?

Todos os dias podemos ouvir as dificuldades e alijações com que se debatem muitas mulheres, mães de família. Aqui se queixa uma de não poder dar um pouco de fruta aos filhos—como o médico aconselha—e ali se queixa outra porque na sua casa deixaram de beber vinho (o tónico dos pobres) a refeiçã. E de um modo geral tudo se lamenta porque o dinheiro não chega. E a luta de cada dia, de minimas diárias, por muito reduzidas que sejam, e ainda que a alimentação de muitas famílias seja a sã e um pouco de pão com leite, como conduto, do princípio ao fim da semana.

O povo sabe, por sua amarga experiência, o que significa a política de preços do governo. São de anos, que oficialmente há carne nos talhos a 10500 o quilo, mas que na prática se paga ao preço de 18500 e 20500. Sabe que nas carnes de vaca a 5500, a carne a 5500, bacalhau e arisco a 12500, etc., etc. Mas que a qualidade destas gêneros? Na maioria dos casos são péssimos, quando não são simplesmente lixo. E a luta de cada dia, de minimas diárias, por muito reduzidas que sejam, e ainda que a alimentação de muitas famílias seja a sã e um pouco de pão com leite, como conduto, do princípio ao fim da semana.

O povo quer trabalhar mais ganhar o suficiente e lutar de cada dia, e não ficar sempre a olhar para o prato com pena de não poder comer mais. Mas só conseguirá isso pelo seu próprio esforço, pela sua própria luta, e não, donas de casa, que tentam sentir a dureza da vida, muito podemos ajudar os nossos maridos a lutar por uma vida melhor.

Unindo-nos ao poder alimentar, e não ficando sempre a olhar para o prato com pena de não poder comer mais. Mas só conseguirá isso pelo seu próprio esforço, pela sua própria luta, e não, donas de casa, que tentam sentir a dureza da vida, muito podemos ajudar os nossos maridos a lutar por uma vida melhor.

Uma dona de casa

—Temos na nossa frente a circular n.º 0-58 da direcção do Grémio de Lavoura. De Alameda, dada de 1 de Agosto deste ano.

Dapois de convidar o destinatário a assistir ao desfile por ocasião do acto de nomeação do Presidente da República, termina a dita circular declarando:

«Também se encontra aberta... a inscrição para o transporte gratuito em camioneta e alimoço nos refeitórios da F.N.A.T. ...»

A Bem da Nação
Comentariar para quem?

O empresário teatral José Miguel convocou recentemente uma reunião de imprensa, para a qual, por razões compreensíveis, não nos chegou qualquer convite.

Poderemos, no entanto, ler em «O Século» de 3-10-58, no seu artigo, as dificuldades que o teatro ligeiro está atravessando, o que deve ao baixo nível de vida do português médio, a acção da censura e a falta de apoio, entre os quais destaca o Socorro Social, que continua a pesar no balanço embora virado por altura de uma desgraça que assolou o teatro.

A desgraça que assolou o país vem já de 1926 e é ela que impede o florescimento do teatro como das outras actividades culturais.

—O Rev. Gustavo de Almeida perece ter descoberto, agora, que há coisas que andam mal no nosso país. E apostrofa-se: «*Insustentável o nível de vida da população*».

Em artigo recente afirmava ele que os deputados e políticos seus amigos só lá viviam fizessem de positivo «uma recta intenção».

Com graça, a que não resistimos transcrever, comentava o «Diário de Lisboa» em nota do dia (23-8-58): «*esqueceu-se o Insustentável o nível de vida da população, que de rectas intenções está o inferno cheio*».

Em verdade mais, para o regime, que a sua desgraça, já só descobriu, nos seus espigados exactamente aquela qualidade que enche o inferno.

PARA OS MIL CONTOS

TRANSP.	295.535-50	1930	30.00
A' mancia		19786 1973	200.00
		1968	10.00
do cam.		1158	50.00
Pol. de	25.00	5620 3500	200.00
Ataço a		5475 3500	20.00
Consul	20.00	8069 3500	100.00
Ataço a		Duma tamil	
Luciano	5.00	la comu	
Ataço a		6.707.80	
Ataço a	30.00	idem	
idem	100.00	Heróicos	
Ataço a		campeo	
Ataço a	3.000.00	idem	10.00
Amigo do		J.J. Martins	
proposto		Rodrigues	60.00
	100.00	idem	75.00
Amigos do		Kropotkin	1.000.00
Gen. Delgado		Medicina	
Ataço a	38.00	progre	
Ataço a		1.000.00	
Ataço a	27.00	Ministros	
Boa Via	200.00	ver.	10.00
Campanhas	10.00	O Povo	5.00
Castor Costa	5.00	Oponen	7.00
Castor	70.00	e do Tejo	
Coupon	30.00	Liba Liber	
	20.00	dade	500.00
	20.00	Fala Paz	100.00
	(2) 40.00	Peia unidade	500.00
	(2) 100.00	Fala vitória	100.00
	(2)	Gen. Delgad.	
«Família	20.00	idem	150.00
unids»		Pescador ver.	500.00
Coupon (2)	2.00	Serra verme	
	132 1.000.00		
	570 100.00	Uma sugestão	60.00
	605 300.00	idem	100.00
	500 100.00	idem	100.00
	803 808 150.00	idena	
	1001 50.00	Vida gen.	110.00
	1151 50.00	Humberto	
	1151 125.00	de Vicente	500.00
	1250 20.00	de P.	
	1810 50.00	Idem	30.00
	1847 20.00	Idem	50.00
	1871 100.00	Idem	50.00
	1882 100.00	Idem	200.00
	1946 40.00	Idem	
	1919 100.00	TOTAL:	317.483.00

SEPARATA

Com este número do «Avante!» sai uma separata com rubricas, um total de 30.206\$90

A campanha que se iniciou no começo do ano, leve até agora uma realização muito reduzida e, no entanto, deveria ter sido em breve.

A necessidade de atingir o objectivo proposto ligou-se à efectivação de importantes tarefas do nosso Partido, que urge levar a diante.

O que até hoje recabamos e a experiência recolhida indicam-nos que é possível atingir em curto prazo e vitoriosamente o fim da campanha.

Para isso é necessário que, em primeiro lugar, todos os militantes dêem o exemplo da sua dedicação, que os simpatizantes sejam chamados a uma efectiva colaboração e que saibamos, todos nós, com iniciativa e audácia correspondentes às novas condições políticas, apoiar os nossos camaradas democratas e anti-salazaristas que concordam com a actividade do nosso Partido.

AVANTE! ATINJAMOS RÁPIDAMENTE OS MIL CONTOS!